



Revista Prâksis
ISSN: 1807-1112
ISSN: 2448-1939
revistapraksis@feevale.br
Universidade Feevale
Brasil

Neilton dos Reis; Roney Polato de Castro
"VOCÊ VAI SE ENTENDENDO MELHOR E VAI FORMULANDO MELHOR
AQUELA IDEIA": ENTRE PESQUISA, NARRATIVAS E SUBJETIVAÇÕES
Revista Prâksis, vol. 2, 2019, Maio-, pp. 226-243
Universidade Feevale
Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=525562377012>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABEM redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Recebido em: 15 de novembro de 2018
Aprovado em: 20 de março de 2019
Sistema de Avaliação: Double Blind Review
RPR | a. 16 | n. 2 | p. 226-243 | mai./ago. 2019
DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.1918>

“VOCÊ VAI SE ENTENDENDO MELHOR E VAI FORMULANDO MELHOR AQUELA IDEIA”: ENTRE PESQUISA, NARRATIVAS E SUBJETIVAÇÕES

**“YOU WILL BE UNDERSTANDING BETTER AND WILL
MAKE IT BETTER THAN THAT IDEA”: BETWEEN
RESEARCH, NARRATIVES AND SUBJECTIVES**

Neilton dos Reis

Doutorando em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (Belo Horizonte/Brasil).
Membro do Grupelho (Grupo de estudos e ações em Filosofia e Educação - UFMG) e do GEPEBio (Grupo de estudos e pesquisas em Ensino de Biologia - UFRJ).
E-mail: neilton.dreis@gmail.com

Roney Polato de Castro

Doutor em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora (São Pedro/Brasil).
Professor na Universidade Federal de Juiz de Fora (São Pedro/Brasil).
Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero, Sexualidade, Educação e Diversidade (GESED) (cadastrado no CNPq).
E-mail: roneypolato@gmail.com

RESUMO

Esse artigo é fruto de inquietações e desdobramentos de uma pesquisa de mestrado em Educação concluída no ano de 2018. Nela nos debruçamos sobre narrativas de pessoas que se identificavam com a não-binaridade de gênero e se diferenciavam do *ser mulher* ou *ser homem*. Para esse trabalho temos como objetivo principal refletir sobre a própria pesquisa em sua dimensão metodológica e de escrita encarando-a como um processo de experiência, resistência e invenção de si, tanto para os sujeitos que dizem de suas experiências na não-binaridade quanto para nós enquanto pesquisadores. Como metodologia da pesquisa, nós assumimos encontros com entrevistas narrativas e é esse material, junto às nossas próprias impressões do processo, que utilizamos como base para a discussão nesse texto. Ao narrar experiências, esses sujeitos nos possibilitam (re)criar modos de pensar também as identidades, os sentidos de pertencimento e a materialidade que tais sentidos expressam em suas existências.

Palavras-chave: Não-binaridade de gênero. Narrativa. Experiência.

ABSTRACT

This article is the result of concerns and developments of a master's research in Education of the year 2018. In this research the focus was the narratives of people who identified with non-binarity of gender and differed from being a woman or being a man. For this text we have as main objective to reflect on the own research in its methodological dimension and of writing considering it as a process of experience, resistance and invention of itself so much for the subjects that say of their experiences in the non-binarity as for us while researchers. As a research methodology, we take meetings with narrative interviews and it is this material, together with our own impressions of the process, that we use as a basis for discussion in this text. In narrating experiences, these subjects enable us (re) to create ways of thinking also the identities, the senses of belonging and the materiality that these senses expresses in their existences.

Keywords: Non-binarity of gender. Narrative. Experience.

1 INTRODUÇÃO

A paixão de dizer/2

Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória, coletiva, está todo brotado de pessoinhas. (GALEANO, 2002, p. 13)

Grávidos de muita gente.

Grávidos de muitas narrativas.

Grávidos de muitas experiências.

O movimento de escrever esse texto se dá agenciado a Eduardo Galeano. A um Eduardo Galeano grávido de histórias e de paixões que registra em seu *Livro dos Abraços* os atravessamentos de afetos, relações, pensamentos e sentires que percorrem a América Latina. Um movimento que se pretende, assim, agenciador entre as escritas de Galeano e as nossas: sujeitos que conversam, que imergem em memórias, que se debruçam sobre o experienciar, que se engravidam de gentes e de relações e de vivências e de re-existências e de...

Paixões!

A paixão do dizer. A paixão do contar-se. A paixão do ouvir-se. A paixão de escrever com/a partir/junto de tantas outras pessoas e forças que se atravessam e fazem uma composição para experienciar uma pesquisa e um texto que diz de (des)subjetivações e não-binaridade de gênero. Encontramos ressonância nessa paixão de Galeano, nos encontramos enquanto pesquisadores de narrativas nessas páginas. Este artigo se configura pelas provocações e desdobramentos de uma pesquisa de mestrado em Educação finalizada no ano de 2018, que investiu na potencialidade de encontrar com sujeitos que se identificam em suas experiências de gênero com a não-binaridade – categoria que vem sendo inventada nos últimos anos e que diz de uma inconformidade em *ser homem* ou *ser mulher*.

Foram três os sujeitos que encontramos – todos residentes em uma cidade do interior de Minas Gerais – e que conversamos em dois ou três momentos individuais. As três pessoas são chamadas neste trabalho como Elfo, Irene e Netuno (nomes fictícios). São as narrativas desses encontros que trazemos para essa argumentação, bem como narrativas construídas por nós mesmos enquanto pesquisadores acerca dos encontros da pesquisa. Queremos, assim, nos localizar enquanto sujeitos também pesquisados, sujeitos completamente atravessados por uma pesquisa.

As conversas que fizeram parte do caminho metodológico puderam ser um deixar-se imergir, respirar o ar delicado que vem do mar das experiências, expirar gentes pelos poros. A produção de memórias para compartilhar suas experiências durante nossos encontros puderam ser momentos de novas

experencições, novos deslocamentos e novas (des)subjetivações. A noção de experiência, inspirando-nos nas noções foucaultianas, se refere a dois aspectos que tomamos para pensar a pesquisa: experiência como um processo de subjetivação, de tornar-se sujeito a partir de saberes e relações de poder, instituindo mecanismos em que o indivíduo se torna, efetivamente, um sujeito – de gênero, no nosso caso; experiência como um processo de dessubjetivação, de transformação do sujeito, de modo que o sujeito pode ser outro de si mesmo (CASTRO, 2014).

Neste texto perpassamos por algumas imersões nas narrativas dessas pessoas que irão dizer das suas impressões e deslocamentos com a pesquisa. Dos questionamentos que trazemos neste trabalho, destacamos um que atravessa todos os outros: como as experiências durante uma pesquisa em não-binaridade de gênero e educação movimentaram e movimentam outras experiências, tanto para Elfo, Inere e Netuno, quanto para nós? Com essa questão queremos marcar certa concepção de pesquisa, tomada como produtora de experiências, instância em que os sujeitos não se limitam a participantes, mas ao produzir a pesquisa, produzem-se experiências, em que os sujeitos podem tomar a si mesmos como objeto de problematização. Para tal, discutimos as narrativas produzidas junto ao campo teórico dos estudos pós-estruturalistas, os quais têm lançado mão das desnaturalizações dos binários e da ideia de que a linguagem – os saberes, os discursos – é produtora do mundo, constituindo os sujeitos discursivamente.

Caminhando com Corinne Squire (2014), nos filiamos a uma noção de narrativa com uma visão ampla, relativa a “uma cadeia de signos com sentidos sociais, culturais e/ou históricos particulares” (p. 273). Assim, procuramos caminhar junto a elas. Sendo as construtoras da pesquisa, não buscamos a interpretação das experiências ou alguma revelação do que está ‘por trás’ de cada história narrada. Ao contrário, as utilizamos para operar com os conceitos (ou as palavras) produzidos durante cada conversa. Cristina d’Ávila Reis (2012) defende que as “informações que são coletadas¹ em um trabalho de campo não são dados passíveis de serem explicados, mas são significados produzidos no contexto pesquisado, que podem ser lidos e construídos de diferentes formas” (p. 247). Nesse sentido, poderíamos dizer que as experiências são narradas já interpretadas ou representadas, ou seja, não temos efetivo acesso a elas, mas apenas às suas sombras, rápidas capturas, a partir do que os sujeitos escolhem narrar. Da mesma forma, o próprio momento da conversa se constitui como um disparador de experiências e que, neste texto, é narrado (também na perspectiva de que já é interpretado ou representado por nós, como capturas momentâneas).

¹ Indicamos aqui nossa discordância com a utilização do termo “coletadas”, pois acreditamos que os dados de pesquisa não estão prontos, dados, para serem coletados pelos/as pesquisadores/as. As pesquisas produzem dados, a partir de determinado arcabouço teórico-metodológico.

Rememorando as ocasiões que voltamos a conversar com Elfo, Irene e Netuno, na diferença de meses entre uma conversa e outra, nós pudemos lançar olhar àquilo que foi disparador, àquilo que pôde provocar uma experiência na não-binaridade: a narrativa de si, o contar-se, protagonizar-se. Pensamos em cada conversa, cada encontro com o outro e conosco mesmos como um “acontecimento que produz o intervalo, a diferença, a descontinuidade, a abertura do porvir” (LARROSA, 2002, p. 285). Aqui neste artigo focamos na potencialidade desse pensar.

O texto está dividido em cinco partes: esta introdução, na qual apresentamos a temática central do trabalho bem como alguns de seus aportes metodológicos; num segundo tópico, fazemos uma breve problematização do gênero e da não-binaridade de gênero como modo de existência e resistência dos sujeitos; num terceiro tópico, focamos nas narrativas produzidas por Elfo, Irene e Netuno durante nossos encontros; num quarto tópico, apresentamos uma narrativa produzida por nós que diz do pesquisar e experienciar a pesquisa; e finalizamos com algumas considerações gerais pertinentes aos assuntos discutidos.

2 ‘NÃO SER HOMEM’, ‘NÃO SER MULHER’: REGULAÇÕES DE GÊNERO

Antes de investirmos em narrativas que dizem do processo de construção da pesquisa e do que ela produziu, intentamos apresentar algumas das questões que compuseram esse processo, em se tratando da não-binaridade de gênero e dos modos pelos quais os sujeitos se apropriam e experienciam suas vidas a partir de tal noção. A pesquisa que se produziu com Elfo, Netuno e Irene diz de tentativas de fuga de normatividades estabelecidas. Um encontro com sujeitos que se movimentam pelos escapes dos binarismos de gênero. Um movimento que se dá na relação com tais normatividades, que vão sendo incorporadas de modo sutil e naturalizado, a partir de nosso vínculo com a cultura e de nossa participação na vida social. Normatividades que sugerem modos de ser homem, de ser mulher, modos de viver experiências das masculinidades e feminilidades, operando como princípio normalizador das práticas sociais, que delimitam possibilidades, estabelecem as fronteiras para essas experiências. Se, como argumenta Judith Butler (2014), tornar-se sujeito de uma regulação equivale a ser assujeitado por ela, tornar-se sujeito de gênero é envolver-se em processos de captura e resistência na relação com as regulações de gênero, ou seja, tornamo-nos sujeitos de gênero porque somos regulados pelas normas de gênero que operam nas práticas sociais. E como ficam os sujeitos que não se enquadram nas fronteiras ou que se colocam, exatamente, nas fronteiras? Como ficam os sujeitos cujas existências confundem, desmancham, borram as fronteiras? Nas narrativas das pessoas com as quais pesquisamos encontramos possibilidades de pensar tais capturas e resistências.

E eu acho que o meio disso [do ser homem e do ser mulher] é o perfeito assim. Você tem aquelas características femininas e você tem aquelas características masculinas, mas você não consegue se colocar e dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. Eu nem sei por que você tem que dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. A sociedade pede. Parece que implora que você seja alguma coisa. (Netuno – Conversa 1)²

“O meio disso”: entre “e” e “ou” vão se produzindo processos de identificação e diferenciação em relação às regulações de gênero. Vão se produzindo lugares, mais ou menos instáveis, em que os sujeitos experienciam o conforto e o desconforto. Ocupar esses lugares, frequentemente, implica que haja uma língua para dizer deles, o que Netuno destaca como “A sociedade pede”. Ocupar ou não certos lugares vinculados às experiências de masculinidades e feminilidades dá sentido a existência dos sujeitos, implica modos de ser, de agir, de pensar, de sentir que são regulados dentro dos limites de certa coerência – nesse caso, o “ou” funcionaria melhor do que o “e”. Frequentemente, a produção desses lugares sociais envolve uma coerência entre o que é observado e imputado ao sujeito nos momentos que marcam sua inserção no mundo e o que se espera que desse sujeito nos seus modos de existência. Estamos nos referindo a coerência entre algo que seria de uma natureza – uma genitália, um pênis, uma vulva – e algo a ser assumido como identidade (tomada como natural, homogênea, fixa). Nesse sentido, com Joan Scott (1995), assumimos o gênero também como uma categoria útil de análise da organização social e da constituição subjetiva, como referência aos primeiros usos desse conceito por feministas norte-americanas, para enfatizar “o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo” (p. 72), rejeitando um determinismo biológico utilizado para compreender as relações de desigualdade que se expressavam no social. Scott (1995), inspirando nas proposições foucaultianas, também nos auxilia a problematizar o gênero como um saber intimamente ligado às relações de poder, portanto, os modos como assumimos ou não as regulações de gênero se constituem a partir de nossa inserção numa cultura e nas relações sociais de um determinado tempo histórico. Isso possibilita que, para além de uma categoria fixa e homogênea, gênero seja utilizado como uma estratégia de questionamento dos sentidos construídos a partir das noções de masculino e feminino. A pesquisa com sujeitos que se identificam com a não-binaridade de gênero visibilizou outros modos de existência, modos de composição, de mistura, de hibridismos com femininos e masculinos, como indica Netuno em sua narrativa. Assim, com esses sujeitos, podemos transformar o gênero num mecanismo de desconstrução do binário.

² As citações que trazem as narrativas dos sujeitos estarão em itálicos, a fim de marcá-las e diferenciá-las de outras citações.

Segundo a sociedade, ser mulher é ser feminina, usar vestido, colocar batom, maquiagem. Ser mulher é você chorar vendo filme; ser homem: você não chora. Ser homem é você ser forte, você tem que correr atrás de mulher e querer ser o macho alfa, se meter em briga, coisa assim. Pra sociedade, não pra mim. E eu acho que o meio disso é o perfeito, assim. Você tem aquelas características femininas e você tem aquelas características masculinas, mas você não consegue se colocar e dizer: "eu sou isso" ou "eu sou aquilo". Eu nem sei por que você tem que dizer eu sou isso ou eu sou aquilo. A sociedade pede. Parece que implora que você seja alguma coisa. (Netuno – Conversa 1)

Tem dia que eu uso o "o", tem dia que eu uso o "a", tem dia que eu uso o "x", tem dia que eu uso, sei lá, o "@". Então depende. Eu não tenho muito esse problema não. Aí tem gente que fala "ah, mas e se te chamar de "a"?". Uê gente, o que tem o "a"? "E se eu te chamar de "o"? Eu "ah o que que tem?". É realmente uma letra do alfabeto. Não vai definir quem eu sou. Não vai definir o que eu penso. Não vai definir nada. Eu que tenho que saber quem eu sou. Agora se o outro acha que deve me chamar de "a", seu ele acha que deve me chamar de "o" ou se ele acha que não deve me chamar de nada... pessoa... humano... tá tudo ótimo. Eu tô feliz desse jeito. (Elfo – Conversa 1)

Ser homem, ser mulher, produzir uma linguagem, um código para se definir. Se definir? Elfo coloca algumas questões: uma letra do alfabeto define? Existir implica ocupar os lugares sociais, não de forma natural ou tranquila. Ocupar esses lugares implica colocar-se em relação ao sistema de regulações. Embora a pesquisa tenha nos mostrado os modos de resistência a essas regulações, que vão "pelo meio disso", como propõe Netuno, as normas continuam a conferir inteligibilidade. Portanto, com Butler (2014), dizemos que colocar-se fora da norma é continuar, de certo modo, a ser definido em relação a ela. As estratégias de fuga se definem na relação com as normas de gênero, a partir de parâmetros instituídos social e culturalmente. "Não ser totalmente masculino ou não ser totalmente feminina é continuar sendo entendido exclusivamente em termos de uma relação a 'totalmente masculino' e 'totalmente feminina' (BUTLER, 2014, p. 253). Netuno anuncia alguns desses modos como as noções de masculino e feminino vão sendo não apenas produzidas, mas naturalizadas, a partir de sua reiteração na cultura e nas relações sociais. Atributos que marcam os corpos, como maquiagem, vestido; atributos que indicam comportamentos que seriam 'próprios' de homens ou mulheres, como força, que seria algo do masculino (e chorar constituiria, por conseguinte, uma fraqueza, atribuída ao feminino); atributos que imbricam o gênero com a sexualidade – "ser macho alfa", "correr atrás de mulher", naturalizando comportamentos masculinos numa lógica de impulsividade e virilidade. Uma lógica binária, de oposição, organiza esses modos de ocupar os lugares sociais, tendo o gênero como um regulador.

Assim, um discurso restritivo sobre gênero que insista no binarismo homem e mulher como a maneira exclusiva de entender o campo do gênero atua no sentido de efetuar uma operação *reguladora* de poder que naturaliza a instância hegemônica e exclui a possibilidade de pensar sua disrupção. (BUTLER, 2014, p. 254).

A inteligibilidade dos gêneros, ao instituir-se de modo binário e, portanto, opositivo, dificulta pensar em estratégias de disrupção. Tais estratégias são inventadas na relação com essa lógica hegemônica, enfrentando as inteligibilidades governadas pela norma. Essa lógica se impõe com parâmetros definidos no social, estabelecendo sua legitimidade a partir de definições de centro e margem, ou seja, modos de existência legíveis e ilegíveis, legítimos e ilegítimos. Dificultar a disrupção não significa, entretanto, que as resistências não sejam possíveis. Elfo fala da língua, do alfabeto que define, e das tentativas de ressignificar isso, com o 'd', o 'o', o 'x', o '@'. Em outras narrativas, ao longo do processo da pesquisa, também Netuno e Irene descrevem estratégias disruptivas, com nomes, roupas, comportamentos, por meio dos quais esses sujeitos marcam um jogo micropolítico de resistências cotidianas. Como nos indica Butler (2014), "Gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados." (p. 253). Esse jogo, que pode envolver estratégias de desconstrução do gênero como um regulador e um organizador social e subjetivo, implica em resistências em todas as direções, na perspectiva de que a norma, como parte do exercício do poder, prevê mecanismos na lógica do incluir/excluir, com sanções direcionadas a quem ousa burlar as regulações.

Os preconceitos que sofri e sofro, é por eu estar vestida de uma forma fora que meu corpo pede, por exemplo eu tenho corpo feminino e tô vestida de forma masculina. As pessoas, quando eu chego num lugar, já olham pro meu peito, pra ver se eu tenho peito, pra ver se eu sou uma menina mesmo. As pessoas ficam querendo saber. [...] É aquela coisa né, o corpo feminino tem que acompanhar acessórios femininos e vestimentas femininas, e o masculino a mesma coisa: acessórios masculinos e vestimentas masculinas. E quando você mistura os dois num corpo só as pessoas ficam mais confusas ainda. Elas ficam tipo "ah mas você não é sapatão? Mas você não é...". Não sei, confunde as pessoas. Aí tem gente que enxerga na maldade, tem gente que enxerga com olhar de ignorância mesmo, de não saber o que é, mas não de maldade. Curiosidade. Às vezes não sabe fazer a pergunta da forma correta, mas a gente sabe quando é na maldade e quando não é. (Netuno – Conversa 1)

A mistura confunde. A confusão e o estranhamento dela decorrente constitui modos de lidar com o sujeito, com as marcas de gênero que seu corpo expressa. A confusão é uma estratégia política de resistência às regulações de gênero; a resistência a ela, na forma do estranhamento, do olhar intimidador, de reprovação daquele modo de ser e estar no mundo, também é resistência, compondo esse mesmo

jogo de forças na definição do que é aceitável ou não. Com a narrativa de Netuno, argumentamos que expressar marcas subjetivas de gênero é se colocar à disposição de leitura. Do mesmo modo que 'montar-se' pode ser querer ser lido de uma forma específica, estar incoerente com o padrão da linha de montagem que constitui uma coerência de gênero é estar ilegível. E, quando há alguma impossibilidade da leitura realizada a partir de uma chave de classificação clássica (a referência hegemônica dos gêneros), abre-se espaço para a invenção de outras leituras, o que pode colocar o sujeito no lugar do estranho, do desconhecido. A inteligibilidade do gênero implica nessa estratégia, limitada e limitante, de reconhecimento de certas marcas como próprias dessas referências hegemônicas. Nesse sentido, é que pensamos a não-binaridade de gênero enquanto diferença, implicando em fomentar a confusão, como relata Netuno. Quando os significados e significantes conhecidos já não servem mais para ler os corpos, as consequências da ilegibilidade se materializam (seja em violência, seja em curiosidade). Alguns dos símbolos e significados podem até ser conhecidos (como o uso de um batom ou uma blusa larga), mas a conjugação deles é que torna também o corpo estranho – como uma palavra formada por letras conhecidas, mas que não se encaixa no idioma como um todo: uma leitura muito parcial que possibilita uma interpretação equivocada (DOS REIS, 2018).

3 “FOI UMA EXPERIÊNCIA NOVA PRA MIM QUE NUNCA TINHA FALADO”: NOVIDADE E MEMÓRIA

A paixão de dizer/1

Marcela esteve nas neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta. Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papeizinhos, como quem lê a sorte de soslaio.

Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsos vai tirando papeizinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma boa história para ser contada, uma história de fundação e fundamento, e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte de bruxaria. E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundidades desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, que vai vivendo, que dizendo vai. (GALEANO, 2002, p. 13)

Em trabalhos anteriores foi discutido que “experiência é encontro, relação com algo que experiencio, de modo singular. Algo que me conduz a pensar e produzir questionamentos” (CASTRO, 2014, p. 13). É com essa reflexão que iniciamos. A construção da pesquisa em questão efervesceu em torno do encontrar: encontros com Elfo, Irene e Netuno, encontros com leituras, encontros com o inesperado. E foram esses encontros que se fizeram movimento, além de pesquisa, de vida.

Entretanto, não nos referimos aqui a qualquer encontro. Referimo-nos ao encontro que se desloca mesmo nas condições mais adversas, aquele vai ressuscitando os esquecidos e os mortos, aquele de onde vão brotando as andanças e os amores do bicho humano, aquele que vai vivendo. Pensando com Jorge Larrosa sobre a experiência, a vemos associada aos três sentidos da paixão – o padecimento, a responsabilidade com o outro e a experiência do amor (LARROSA, 2002, p. 26). Encaramos que o caminho metodológico da pesquisa foi realizado, também, como uma experiência apaixonada. Entendendo que

Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (LARROSA, 2002, p. 26).

Assumimos, assim, as potencialidades de nossas paixões nesse percurso e as escrevemos – “dizendo vai”. Galeano conta dessa paixão que faz padecer, dessa paixão que se responsabiliza, dessa paixão que coloca o sujeito fora de si, que leva ao deslocamento, ao tensionamento e à experiência. Defendemos, então, um movimento apaixonado em narrativas, que nos (des)subjetiva e faz produzir outras possibilidades de existência, de vida e pesquisa.

Assumir a potência de fazer uma pesquisa com paixões e encontros enquanto metodologia não é, entretanto, dizer de um caminho realizado sem rigor ou isento de fundamentação epistemológica. Para, então, dizer disso nos utilizamos dos encontros produzidos com Elfo, Irene e Netuno, bem como do encontro com a perspectiva pós-estruturalista que orienta esse trabalho.

Netuno: *Eu achei tudo importante assim. Foi tudo maneiro, eu gostei de tudo na conversa. Eu acho que abriu muita coisa pra minha cabeça mesmo. Tipo no dia seguinte, eu nem te falei isso, mas no dia seguinte eu virei e contei pra minha namorada. E ela ficou de boas.*

Pesquisador: *Que legal!*

Netuno: *E tipo, se a gente não tivesse conversado eu não ia ter contado até agora. Eu sinto que não. Porque tipo, eu saí e eu tava na casa dela. Aí eu fui te encontrar e falei pra ela: “ah eu tô indo encontrar esse menino que ele tá fazendo uma pesquisa assim e tal”. Aí ela ficou toda: “mas porque ele quer falar com você?”. E ela ficou meio assim, aí eu virei e falei de uma vez. Eu achei que ela ia ficar toda estranha e, sei lá não sei, eu achei que ela ia ficar estranha. E ela ficou de boas. (Netuno – Conversa 2)*

Assim, eu gostei da nossa conversa. Até que depois eu acabei tendo outra conversa com outra pessoa também. E foi uma experiência nova pra mim que nunca tinha falado, conversado com ninguém sobre isso, sobre essas questões. Mas eu gostei bastante. (Elfo – Conversa 2)

Eu lembro de quase tudo praticamente. Eu acho que no geral a conversa toda foi muito produtiva e gente tocou em vários pontos muito importantes. E é isso. (Irene – Conversa 2)

O encontro conosco, o encontro com a namorada, o encontro com o debate. Tudo nos parece um experimentar essa pesquisa, em especial por provocar pensamentos, provocar pensamentos outros. A experiência de encontrar se movimentou nessa pesquisa como deslocamento, como grata surpresa, como potência para assumir e pensar as novas possibilidades de existência. Os encontros se deram com a conversa, como uma metodologia de pesquisa a partir da qual intentamos criar lugares de encontros, onde os sujeitos se afetam, inventam realidades e se reinventam através da palavra compartilhada e, por conseguinte, das trajetórias e experiências compartilhadas. “Narrar uma experiência é abrir-se ao encontro”, como nos diz Andrea Serpa (2010), mas não qualquer encontro, desses em que nos perdemos nas trocas diárias e desesperadas de tantas informações, frequentemente inúteis. Assim, produz-se uma pesquisa em que os sujeitos se tornam narradores e narradoras, parceiras/os na pronúncia do mundo. A autora destaca que assumir as conversas nas tramas das metodologias de pesquisas implica deixar um lugar de verdade em nossas argumentações, nas quais as vozes dos sujeitos funcionam apenas como escoras para erguer nossos ‘prédios de sabedoria’. As conversas, nesse sentido, têm nas vozes os elementos que desequilibram o/a pesquisador/a, que podem ser um convite para o embate e para o debate. Ao dizer do encontro com a pesquisa, Elfo, Netuno e Irene mencionam as conversas como uma estratégia que possibilitou não apenas construir um saber, que passa a circular entre os jogos de verdades que tensionam ou insistem nas regulações de gênero, mas um encontro consigo mesmas/os e com possibilidades de condução de suas relações afetivas sob novas perspectivas – contar à namorada, conversar com outras pessoas sobre aquilo que a pesquisa fez vibrar, sobre aquilo que ela provocou. Andrea Serpa (2010) nos ajuda a pensar que esses encontros, esses cruzamentos de vozes – pesquisadores, Elfo, Irene, Netuno, teóricas/os – são atravessamentos, os quais podem resultar em mudanças de rumos, de perspectivas. A conversa, portanto, seria um lugar fundamental e privilegiado nos quais os sujeitos se encontram, fazer atravessar saberes e experiências, sem o intuito de produzir um consenso, mas se desafiando, se movendo e se transformando.

Os encontros para as conversas da pesquisa não se tratavam de encontros quaisquer. Eram esperados, aguardados, ansiosamente, pois eram prenhes de narrativas que afetavam quem se colocava no movimento da pesquisa – uma experiência apaixonada de sujeitos passionais. Encontros intranquilos, porque deles era possível sair com as vozes, que nos acompanhavam, que nos deixavam marcas, que provocavam experiências. “[...] nunca se sabe onde uma conversa pode levar”, nos diz Jorge Larrosa (2003). Uma conversa é algo no que se entra, ao entrar, pode-se ir para o não-previsto, “pode-se chegar a dizer o que não queria dizer, o que não sabia dizer, o que não podia dizer...” (p. 212). Era assim que nos sentíamos em relação às conversas na pesquisa: sujeitos que não estavam preparados para dizer, mas

que diziam, instigados/as que ficavam com as provocações da pesquisa; experiencições que iam sendo narradas sem organização prévia, sem pensar se aquilo podia ser dito. A conversa, portanto, era lugar de 'ex-posição', de posicionar-se de forma a se 'ex-por', lugar de vulnerabilidade, lugar de experiência, de quem é tocado, afetado (LARROSA, 2014). Alinhando-se ao que argumentava Andrea Serpa (2010), Jorge Larrosa (2003) segue com a possibilidade de pensar que uma conversa, ao final, não precisa de um consenso ou de um acordo, pelo contrário, ela se constitui numa arte de sustentar as tensões entre as diferenças, mantendo dúvidas, perplexidades, interrogações e produzindo tantas outras. "[...] *mas, porque ele quer falar com você?*", questionou a namorada de Netuno. Que pretextos teriam uma conversa, em uma pesquisa acadêmica? Foi a oportunidade de provocar outras conversas. E embora ela tenha "*ficado de boas*", outras interrogações foram se produzindo em Netuno – o que é isso que se nomeia como não-binaridade de gênero? E binaridade de gênero? E gênero? E eu? Interrogar-se a si mesmo, num movimento que mantém as dúvidas, mas, em se tratando das conversas na pesquisa, dúvidas cada vez mais precisas, elaboradas. "[...] por isso uma conversa não termina, simplesmente se interrompe... e muda para outra coisa..." (LARROSA, 2003, p. 213).

Ainda com Andrea Serpa (2010) pensamos na condução das conversas, em como elas foram se desdobrando, acontecendo. Semelhante ao que a autora argumenta, as conversas produzidas com a pesquisa também titubeavam, fluíam às vezes de forma mais direcionada, às vezes meio sem rumo, como se cada qual tivesse seu 'novelo de verdades, saberes e experiências' que ia sendo puxado, amarrado, às vezes desfeito, cruzando os fios, formando mosaicos ou tramas esgarçadas. Mesmo com um foco previamente negociado, às vezes as ideias fugiam, levando a outros lugares, a mudanças de rumos, a retomadas. Nesses fluxos, poucas possibilidades de escapar dos sentimentos, das emoções, que se misturam às razões, para dizer de experiências de conflitos, de violências, de exclusões, de constrangimentos, de inseguranças. As conversas, portanto, eram momentos de reviver, de rememorar e também de reelaborar.

As experiências a quais nos referimos, portanto, são aquelas que não são esquecidas, não são embotadas pelo tempo, ao contrário, são aquelas que quanto mais narramos, quanto mais revisitamos, mais se expandem em nós, mais nos produzem como sujeitos. São aquelas que quanto mais compartilhamos, mais significados encontramos [...] (SERPA, 2010, p. 61).

Narrar-se, percebemos, implica também em inventar um passado e inventar-se. Como diz Elfo: "*foi uma experiência nova*" – que pode ter gerado desconfortos, prazeres, angústias, alívios. Entendemos, assim, o que indica Lia Scholze (2005), ao sinalizar "a possibilidade de reflexão consigo mesmo, com o outro e

com o mundo, que pode ser estabelecida através da linguagem numa perspectiva de construir novos significados para nossa existência" (p. 24). Encontros, portanto, em que vão se produzindo narrativas de si, ao produzirem-se memórias, reelaborando o que permanece e constituindo novas perspectivas de si e do mundo.

Acho que conforme a gente vai conhecendo as pessoas, conversando com as pessoas e se relacionando com as pessoas – não intimamente, mas relacionamento tipo amigos, família, até namorada sabe – você vai se entendendo melhor e vai formulando melhor aquela ideia que você tinha antes. Talvez uma coisa que você pensava de uma forma, depois de uma conversa você pode pensar de outra forma. (Netuno – Conversa 2)

O que vem depois de uma conversa? Lembrando o que nos dizia Larrosa (2003), uma conversa não termina, se interrompe e muda para outra coisa, "*você vai se entendendo melhor e vai formulando melhor aquela ideia que você tinha antes*", um movimento que continua com o que a conversa faz vibrar, suas ressonâncias. "*Pensar de outra forma*", admitir que somos constituídos por saberes, em redes (conflituosas, negociadas) de exercício de poder, que instituem o pensável, o inteligível, o verdadeiro, algo que organiza nossas relações, algo a partir do qual passamos a nos conduzir, ao nos objetivarmos a nós mesmos/as, a partir desses saberes. E a pesquisa vai produzindo outras relações consigo, não para manter 'tudo como está', como nos propõe Michel Foucault (2001), mas para poder pensar diferentemente, agir diferentemente, olhar a partir de novos ângulos, exercitar o pensamento diante de situações naturalizadas, para as quais não há um único caminho – talvez um descaminho: "De que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece?" (p. 13). Com Foucault (2001), o pensamento envolve a crítica dos que somos, do que viemos nos tornando, para contestar o que somos e o que nos tornamos. O pensamento para Foucault (2006) é o que nos permite "tomar distância" em relação aos nossos modos de fazer e de reagir, interrogando-os "sobre seus sentidos, suas condições e seus fins". Como ele mesmo nos diz, "o pensamento é liberdade em relação àquilo que se faz, o movimento pelo qual dele nos separamos, constituímos-lo como objeto e pensamos-lo como problema." (p. 231-2). De certo modo, a pesquisa e os modos como foi sendo conduzida, com os encontros, com as conversas, constituiu-se em lugar de pensamento e, por conseguinte, de experiência como dessubjetivação, com potencialidade de transformar modos de existência, de modificar relações – com namorada/o, com família, com amigas/os, com as instituições e consigo mesmos/as. Ao narrarem-se, Elfo, Irene e Netuno constituíram modos de tomarem-se a si mesmos/as como objeto de pensamento, pensando o que lhes acontecia como 'problema', no sentido de poder ser pensado, ser questionado e, potencialmente modificado.

4 “A PESQUISA É UM PERDER-SE”: NA ESCRITA E NO REMEMORAR

A última crônica: “O encontro com a morte”

Eduardo Galeano, ao que se sabe, teve uma vida esplêndida, verbalizada pela poesia. Ele expôs as veias da América Latina, vocalizou o “não” e defendeu o direito à utopia. Caminhou por um continente atravessado por sua luta, povo, cores e sentires. Viveu por 74 anos. Foi em 2015 que o conheci. A partida de Galeano desse mundo foi largamente noticiada à época. O poeta latino-americano que nos deixava uma obra apaixonada por essas terras.

Foi a morte que nos apresentou.

Poucas vezes na minha vida tive encontros com a morte. E nesse encontro que tive em 2015 entendi que ela pode ser tão dolorida quanto potente. Tão triste quanto desencadeadora de novas forças.

Foi no dia 5 de julho de 2017 que morte e eu nos reencontramos.

A noite iniciava rápida. O café passado quase que pontualmente às 18h, a conversa jogada fora da varanda pra rua, a fumaça de cigarro que penetra na roupa secando no varal. O inverno juiz-forano traz o frio e a neblina para a Universidade assim que o sol se põe – cedo demais. O caminho casa-UFJF é rápido, descontraído de músicas e com nenhum sinal vermelho. Como dia atípico, subi escadas para a reunião. Como um dia atípico fui impedido de subir as escadas. Como um dia atípico, me encontrei com o suicídio.

Até então só tinha tido encontros literários com suicídios. Não sei se é possível valorar a experiência, mas me permito a isso quando digo que encontrar com o suicídio na escada foi a pior experiência que poderia ter passado durante minha trajetória até então. Cedo demais.

A noite que se estendia naquela quarta-feira ficou suspensa: as falas se misturaram umas às outras, o entendimento do que aquela notícia significava não era alcançado, as sinapses cerebrais cessando, o revirar do estômago clamando por um engano, as veias que se abriram na América Latina se abrindo em mim.

O menino me contou do suicídio de Netuno. A partir de então tudo o que consigo pensar é uma paráfrase d'*As impressões digitais* de Eduardo Galeano no seu Livro dos Abraços: “Netuno nasceu e cresceu debaixo das estrelas do Cruzeiro do Sul. Aonde quer que ele ia, elas o perseguiram. Debaixo do Cruzeiro do Sul, cruz de fulgores, ele ia vivendo as estações de seu destino. Não tenho nenhum deus. Se tivesse, pediria a ele que não deixe Netuno chegar a morte: ainda não. Falta muito o que andar. Existem luas para as quais ainda não latiu e sois nos quais ainda não se incendiou. Ainda não mergulhou em todos os mares deste mundo, que dizem que são sete, nem em todos os rios do Paraíso, que dizem que são quatro. Em Montevidéu, existe um menino que explica: – Eu não quero a morte de Netuno nunca, porque quero brincar (com ele) sempre.”

Cedo demais. (REIS, 2018)

Ainda que planejemos todos os percursos da pesquisa, eles permanecem incertos, traiçoeiros e substancialmente afetáveis. Não nos parece possível pensar uma pesquisa que esteja a tal ponto deslocada que não se desestabilize, que não nos produza como novos sujeitos também. Em julho de 2017 (no meio do estimado para a duração da pesquisa) Netuno se suicidou. Esse momento nos disse que não temos certeza de coisa alguma – seja na pesquisa, seja na vida.

No mesmo sentido que a experiência se fez para Elfo, Irene e Netuno, se fez a nós. Como um de nós narra na relação com Foucault: “alguns falam de paixão. Outros de tormenta. Amor e ódio, dor e prazer. Encontros frequentes, breves e duradouros, dos quais costumo sair atormentado. Muitos pensamentos. Nem sempre é compreensível (e tem que ser?)” (CASTRO, 2014, p. 14), as experiências e subjetivações na pesquisa são múltiplas.

Encontrar a não-binaridade de gênero, nos apaixonar por ela. Encontrar Foucault, nos apaixonar por ele. Encontrar Elfo, Irene e Netuno, nos apaixonar por essas pessoas. No encontro com a morte, foi a paixão que nos fez chorar, que nos fez parar, que nos fez afastar, que nos fez devastar. Mas, foi também a paixão que nos fez continuar, rememorar. Romper com as dicotomias, romper com as classificações de boa/ruim. Encontrar é experiência nessa pesquisa: inclassificável. Tão potente, quando complexa. Tão dolorida, quando acalentadora. Tão efervescente, quanto poente. Tão estabilidade, quanto transfiguração.

Não se pode captar a experiência a partir de uma lógica da ação, a partir de uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito agente, a partir de uma teoria das condições de possibilidade da ação, mas a partir de uma lógica da paixão, uma reflexão do sujeito sobre si mesmo enquanto sujeito passional. (LARROSA, 2002, p. 26).

Um encontro com a morte afetando uma pesquisa. Pesquisadores como sujeitos da experiência: ex-postos, vulneráveis, algo lhes passa, algo lhes acontece, algo lhes toca, uma aprendizagem no e pelo padecer, como propõe Larrosa (2014). Um saber vai se produzindo com a pesquisa – um saber da experiência: “o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece” (p. 32). A experiência de uma pesquisa assim, com esses encaminhamentos – dos encontros, das conversas – é da ordem dos perigos da exposição, dos riscos de ser afetado e deixar-se afetar, de tornar-se “um sujeito sofrendor, padecente, receptivo, aceitante, interpelado, submetido” (p. 28). O encontro com a morte e como saímos afetados dele, não poderia ter acontecido se nos posicionássemos de forma anestesiada, apática. Por isso, a pesquisa não é apenas conhecer. Como argumenta Andrea Serpa (2010), conhecer não basta, assim como todos os outros verbos que passam a habitar os objetivos das pesquisas (identificar, diferenciar, reconhecer). É preciso sentir, é preciso viver com e a partir da pesquisa, sendo afetado pelas

vidas dos outros, pelas narrativas dos outros, pelas experiências dos outros. O texto que materializa essa pesquisa jamais poderia ocultar as contradições, as ambivalências, os padecimentos – como se fosse um texto ‘limpo’, ‘asséptico’, ‘higienizado’. O texto está, portanto, ‘manchado’, marcado com as sombras do vivido nos encontros que a pesquisa produziu. Certamente, um texto apaixonado.

[...] o sujeito apaixonado não é outra coisa e não quer ser outra coisa que não a paixão. Daí, talvez, a tensão que a paixão extrema suporta entre vida e morte. A paixão tem uma relação intrínseca com a morte, ela se desenvolve no horizonte da morte, mas de uma morte que é querida e desejada como verdadeira vida, como a única coisa que vale a pena viver, e às vezes como condição de possibilidade de todo renascimento. (LARROSA, 2014, p. 30).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pesquisa-experiência é processo de subjetivação e dessubjetivação: (des)caminhos que vão modificando a forma ‘pesquisador’, amolece, endurece, deforma, reforma e vai assumindo outros formatos, também provisórios e momentaneamente satisfatórios, para dar conta de viver a pesquisa e pesquisar a vida. (CASTRO, 2014, p. 21, grifos do autor).

Investigamos com Elfo, Irene e Netuno os processos de (des)subjetivação. Construímos narrativas sobre eles/as e com eles/as. Rememoramo-los como forma de pesquisar. E esse próprio construir e rememorar se produziu enquanto experiência. Fomos nos modificando enquanto sujeitos e sujeitos de gênero. Fomos nos modificando enquanto pesquisadores. Demos conta de viver a pesquisa, de pesquisar a vida. A leitura e a escrita se constituindo nesse processo: Elfo, Irene e Netuno leram nossas conversas, nós lemos Gilles Deleuze, Michel Foucault, Judith Butler e tantas outras. Elfo, Irene e Netuno se colocaram à disposição da leitura. Juntos, escrevemos.

Falar de não binaridade de gênero e movimentos de vida através do texto se fez experiência quando nos colocamos nas (im)possibilidades do devir: fazer de uma pesquisa um devir-teatro, um devir-carta, um devir-crônica, um devir-poema, um devir-texto acadêmico, um devir-fotografia, um devir-canção. Somos muitas coisas. Materializamos os encontros, as paixões, as experiências em muitos movimentos no escrever. Fazer deste texto uma tentativa de dizer de forma justa todo caminhar da pesquisa foi o que se constituiu em nós enquanto escrita-experiência.

É importante as pessoas saberem. Tipo, nós existimos. Nós queremos ter os nossos direitos. Queremos estudar, queremos dar aula, queremos viver como todo mundo. Queremos ter relacionamentos afetivos. Queremos ter amigos. Porque muitos não têm amigos, muitos não têm namorados, por serem assim. Então eu acho que essa pesquisa sua abre um leque bem grande pra várias perguntas, pra vários questionamentos. (Elfo – Conversa 3)

A pesquisa visibilizou modos de existência que desejam estar neste mundo, partilhando lugares sociais, relações com aqueles modos ditos hegemônicos, ajustados às regulações das normas de gênero. “[...] nós existimos”, trata-se de uma denúncia: se é preciso fazer tal afirmação, isso pode nos dizer da produção sistemática de inexistências, de silenciamentos, de exclusões de sujeitos buscando viver a seu modo sem que isso implique na sua anulação. Trata-se também de um anúncio: nós existimos! Estamos aqui! E queremos direitos, queremos afeto e estamos envolvidos na produção de nós mesmos/as na relação com essas normas cuja existência antecede a nossa, considerando que nascemos e nos inserimos num mundo previamente – discursivamente – organizado.

“É importante as pessoas saberem. [...] *essa pesquisa sua abre um leque bem grande pra várias perguntas, pra vários questionamentos*”. Uma pesquisa fazendo circular outros saberes nos jogos de verdades que compõem a cultura. Uma pesquisa que amplia questionamentos, que faz ‘colocar problema’ em coisas naturalizadas, estranhadas, silenciadas. Elfo fala da relevância da pesquisa para que as outras pessoas saibam do anúncio “nós existimos”. Sair dos lugares de abjeção, de vergonha, de medo, de sofrimento. Inspirar a abertura para o outro, inspirar a experiência do sujeito ex-posto, que afeta e deixa ser afetado. Uma pesquisa em educação, porque estamos, justamente, pensando em saberes, e poderes, e verdades e em como sujeitos e subjetividades são forjados nesses elementos. Como fomos aprendendo noções hegemônicas e como podemos aprender a multiplicidade de modos de existir e de expressar gêneros, entre binários e não-binários, entre (e para além) de masculinos e femininos. Conversas não terminam, elas são interrompidas e continuam de outros modos. O término da pesquisa e a finalização da dissertação de mestrado que a materializou foram interrupções momentâneas de conversas ainda necessárias. Que venham novas conversas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 42. p. 249-274. 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n42/0104-8333-cpa-42-00249.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2019.

CASTRO, Roney Polato de. **Experiência e constituição de sujeitos docentes**: relações de gênero, sexualidades e formação em Pedagogia. 256 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. 2014.

D'ÁVILA REIS, Cristina. O uso da metodologia queer em pesquisa no campo do currículo. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2012, p. 243-260.

DOS REIS, Neilton. **"Eu sinto que eu sempre me encaixei nessa coisa de não ser homem e não ser mulher"**: tecendo saberes e experiências da não-binaridade de gênero. 212p. Dissertação (Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG. 2018.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. 9 ed. Trad. M^a Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Ética, Sexualidade, Política**, Ditos & Escritos, v. 2 ed. Org. Manoel Barros da Mota. Trad. Elisa Monteiro e Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos abraços**. 7. ed. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM, 2002.

LARROSA, Jorge. Algunas notas sobre la experiencia y sus lenguajes. **Trajetórias e perspectivas da formação de educadores**. São Paulo: Editora UNESP, p. 19-34, 2002.

LARROSA, Jorge. A arte da conversa. In: SKLIAR, Carlos. **Pedagogia (improvável) da diferença**: e se o outro não estivesse aí? Trad. Giane Lessa. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 211-216.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Trad.: Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

SCHOLZE, Lia. **Narrativas de si**: o olhar feminino nas histórias de trabalho. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2005.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SERPA, Andrea. **Quem são os outros na/da avaliação?** Caminhos possíveis para uma prática dialógica. 215p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ. 2010.

SQUIRE, Corinne. O que é narrativa? **Civitas - Revista de Ciências Sociais**, v. 14, n. 2, 2014, p. 272-284.